



Vol. 5, No.1

Vitória-ES, Jan – Abr 2008

p. 18-35

ISSN 1807-734X

DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2008.5.1.2>

A Eficiência da Gestão Estratégica no Brasil: o caso do sistema bancário

Flávio Paim Freaza[†]
ABN AMRO Bank

Luis Eduardo Madeiro Guedes[‡]
COPPE/UFRJ

Luiz Flavio Autran Monteiro Gomes^Ψ
IBMEC Rio

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a análise de eficiência dos 50 maiores conglomerados financeiros do mercado bancário de varejo brasileiro, de acordo com seu volume de ativos totais, com uma quantidade mínima de 50 agências localizadas no território nacional, com referência aos balanços patrimoniais publicados no ano de 2004. Após breve histórico, utiliza-se a metodologia da Análise Envoltória de Dados (DEA), em conjunto com a técnica de I-O *Stepwise* para seleção de variáveis. Introduce-se na análise a criação e a simulação de unidades produtivas artificiais ou não observadas (DMU Artificiais). Ao final, efetua-se uma análise das instituições financeiras, de acordo com os resultados apresentados pelo método não-paramétrico da DEA, utilizando DMU Artificiais, com o intuito de observarmos as unidades consideradas eficientes e quais as variáveis que as unidades ineficientes precisam atuar para melhorar sua performance.

Palavras-chave: análise envoltória de dados; DMU artificial; mercado bancário brasileiro; economia e finanças.

Recebido em 14/09/2007; revisado em 16/05/2008; aceito em 26/05/2008.

Correspondência com Autores:

[†] ABN AMRO Bank

Endereço: Rua Cel. Paulo Malta

Rezende, 136, Apto. 1005,

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro,

RJ, Brasil, CEP 22631-005

Tel.: 21 32526993

e-mail: flavio.freaza@br.abnamro.com

[‡] Doutorando da COPPE/UFRJ

Endereço: Siqueira Campos

Street, 142, Apto. 101,

Copacabana, Rio de Janeiro,

RJ, Brasil, CEP 33031-070

Tel.: 21 3042-55

e-mail: guedes1970@uol.com.br

^Ψ Professor Titular do

Ibmec/RJ

Endereço: Av. Presidente

Wilson, 118, Sala 1110, Rio de

Janeiro, RJ, Brasil, CEP

20030-020,

Tel.: 21 45034053

e-mail: autran@ibmecrj.br

Nota do Editor: Este artigo foi aceito por Alessandro Broedel Lopes.

1. INTRODUÇÃO

O final do século passado foi marcado por uma intensa concorrência em todos os setores da economia mundial. Em setores competitivos, as organizações mais fortes têm maiores probabilidades de sobreviverem. Deste modo, a busca pela eficiência, aliada à rentabilidade do negócio, é uma tarefa constante dos administradores. Segundo Ceretta e Niederauer (2000), as transformações na economia internacional vêm atingindo em grande escala o setor bancário brasileiro.

Para Marques, Matias e Camargo Junior (2004), uma série de eventos e fatores vem mudando drasticamente as características do ambiente de negócios dos bancos comerciais ao redor do mundo. Globalização, aberturas de mercados, aumentos de investimentos em tecnologia de informação são alguns dos mais importantes fatores que estão criando um novo cenário de forças competitivas nestes mercados e impondo mudanças e preocupações nas organizações bancárias.

Baseado nisso, o trabalho consiste em apresentar, comparativamente, o desempenho dos principais conglomerados financeiros no setor bancário brasileiro, a partir da técnica da análise envoltória de dados, através de indicadores de desempenho gerencial.

A finalidade da metodologia proposta é caracterizar organizações eficientes e ineficientes bem como, identificar as variáveis que podem ser trabalhadas para gerar um melhor resultado para as organizações dadas como ineficientes pelo modelo. Na análise serão destacadas as instituições financeiras consideradas eficientes, que servirão como *benchmarking*, e as não eficientes. Através da aplicação do modelo, será possível identificar quais serão as variáveis ótimas aplicadas nas empresas ineficientes para transformar as mesmas em eficientes. O trabalho analisará o desempenho, comparativamente, dos principais bancos brasileiros, de acordo com o Relatório do Banco Central, referente ao ano de 2004.

2. MERCADO BANCÁRIO BRASILEIRO

Segundo Carvalho (2005), o tipo de instituição financeira dominante no Brasil é o *Banco Múltiplo*, um tipo de instituição que atua em vários segmentos do mercado financeiro, notadamente a captação de depósitos, a intermediação de crédito e transações nos mercados de títulos.

A importância crescente dos mercados de dívida pública estimulou o desenvolvimento da capacidade de operação em mercados de títulos. Com isso, naturalmente, a atuação dos bancos comerciais transformou-os em bancos universais, firmemente plantados nos dois principais segmentos do mercado financeiro: de crédito e de papéis.

Para Marques, Matias e Camargo Junior (2004), os bancos têm funções de grande importância no desenvolvimento econômico de um país. Auxiliam indiretamente o Banco Central na oferta de moeda além de dinamizarem a economia. De um lado, oferecem oportunidades a pequenos e médios poupadores que se interessam em acumular riqueza e financiamentos em diferentes prazos. De outro, auxiliam pessoas físicas e jurídicas que necessitam de captação de recursos.

A intermediação financeira é a principal função do sistema financeiro nacional, tendo como papel adequar o fluxo de poupança e do investimento existente na economia, ajustando os interesses, em função dos prazos, volumes, taxas de remuneração e grau de risco, que nem sempre são semelhantes dos poupadores e tomadores, segundo Silva (2000). No entanto, o banco é uma unidade produtiva que pode e deve ser analisado sob a perspectiva de sistema, a

fim de nos revelar seu desempenho ou produtividade no emprego e alocação dos fatores de produção.

De acordo com Ceretta e Niederauer (2000), no Brasil, o sistema bancário é caracterizado por diversas fusões e incorporações, sempre visando maior solidez das instituições financeiras. Além disso, está em pleno desenvolvimento um amplo processo de adaptação e expansão de modernas tecnologias de gestão que propiciam maior satisfação para os clientes. Tal prática ocorrerá tanto interna quanto externamente nas organizações, onde serão enfatizados desde pequenos ajustes operacionais, até a redefinição da estratégia de negócio dos bancos. Essas tecnologias visam tornar a empresa mais competitiva, com ganhos de eficiência e rentabilidade de longo prazo.

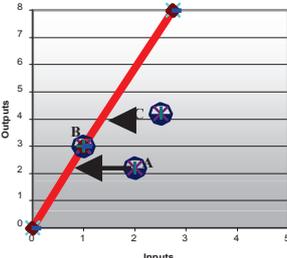
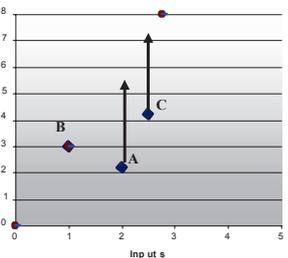
A Constituição de 1988 também contribuiu para a fixação de aspectos importantes do sistema existente no Brasil atualmente. No momento, a entrada de novas instituições estrangeiras no Brasil está proibida, exceto com autorização do Presidente da República. Entre os anos de 1996 e 1998 vários bancos estrangeiros receberam permissão de se instalar no país com base neste dispositivo. Mediante a isto, estes bancos aumentaram sua participação nos ativos totais do setor bancário brasileiro de 8,4% em 1993, para 22,9% em 2004. Porém, a liderança do setor bancário foi mantida por bancos nacionais. Dentre os seis maiores bancos do país, dois são oficiais, três são privados com controle nacional e apenas um é estrangeiro¹. Um outro fator extremamente relevante no mercado financeiro nacional foi a criação do PROER, programa de financiamento de reestruturação do setor bancário, pelo Banco Central. O seu objetivo foi o de facilitar a compra dos bancos problemáticos pelos saudáveis. O programa, apesar das críticas recebidas, foi indubitavelmente eficiente para facilitar a adaptação do sistema bancário à estabilidade de preços.

Para Carvalho (2005), a força acumulada pelos bancos durante o período inflacionário e a pronta ação do Banco Central para evitar a ocorrência de uma crise de maiores proporções, em conjunto com os esforços para a modernização da supervisão financeira através da adesão ao Acordo da Basiléia, acabaram por formar um sistema financeiro brasileiro bastante sólido, bem capitalizado e capaz de aproveitar de forma ágil e eficiente as oportunidades oferecidas pelo mercado.

3. METODOLOGIA

O CCR, modelo originário das técnicas de DEA, define a eficiência como a soma ponderada dos *outputs* dividido pela soma ponderada dos *inputs*. Essa definição exige que um conjunto de pesos seja atribuído, o quê, considerando que esse conjunto deve ser aplicado a todas as DMU, torna-se uma tarefa bastante complicada. Charnes, Cooper e Rhodes (1978) apresentaram uma resolução para este problema, argumentando que cada unidade individual possui um sistema de valores particular e por si só tem legitimidade para definir seu próprio conjunto de pesos, no sentido de maximizar sua eficiência. A única limitação imposta é a de que todas as unidades tenham eficiência menor ou igual a 1. O Quadro 1 apresenta a formulação do modelo CCR, para maximização de *outputs* e minimização de *inputs*.

Quadro 1: Modelo CCR

| Minimização de inputs – CCR-I | Maximização de Outputs – CCR-O |
|---|--|
| <p>Primal (Multiplicadores)</p> $Max\ Eff_0 = \sum_{j=1}^s u_j y_{j0}$ <p>Sujeito a:</p> $\sum_{i=1}^r v_i x_{ik} = 1$ $\sum_{j=1}^s u_j y_{jk} - \sum_{i=1}^r v_i x_{ik} \leq 0, \quad K = 1, 2, \dots, n$ $u_j e v_i \geq 0 \quad \forall j, i$ <p>Dual (Envelope)</p> <p>Min θ</p> <p>Sujeito a:</p> $\theta x_{i0} - \sum_{k=1}^n x_{ik} \lambda_k \geq 0, \quad i = 1, \dots, r$ $-y_{j0} + \sum_{k=1}^n y_{jk} \lambda_k \geq 0, \quad j = 1, \dots, s$ $\lambda_k \geq 0 \quad \forall k$ <p>Representação Gráfica</p>  | <p>Primal (Multiplicadores)</p> $Min\ Eff_0 = \sum_{i=1}^r v_i x_{i0}$ <p>Sujeito a:</p> $\sum_{i=1}^r u_j y_{jk} = 1$ $\sum_{i=1}^r v_i x_{ik} - \sum_{j=1}^s u_j y_{jk} \leq 0, \quad K = 1, 2, \dots, n$ $u_j e v_i \geq 0 \quad \forall j, i$ <p>Dual (Envelope)</p> <p>Max θ</p> <p>Sujeito a:</p> $\theta y_{j0} + \sum_{k=1}^n y_{jk} \lambda_k \geq 0, \quad i = 1, \dots, s$ $-x_{i0} + \sum_{k=1}^n x_{ik} \lambda_k \geq 0, \quad j = 1, \dots, r$ $\lambda_k \geq 0 \quad \forall k$ <p>Representação Gráfica</p>  |

Onde: Eff_0 – eficiência da DMU_0 ;

u_j, v_i – pesos de *outputs* e *inputs* respectivamente;

x_{ik}, y_{jk} – *inputs* i e *outputs* j da DMU_k ;

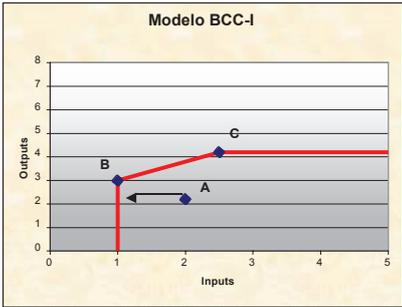
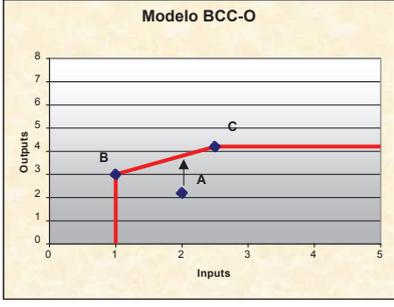
x_{i0}, y_{j0} – *inputs* i e *outputs* j da DMU_0 .

Na formulação dos modelos, pode-se ver que a diferença entre as óticas está na posição da variável h , em relação às restrições. Também é possível observar que a função de produção, representada pela fronteira de eficiência, é sempre crescente, admitindo que a produção de *outputs* sempre pode crescer, desde que haja crescimento dos *inputs*. Por isso, conclui-se que o modelo tem retornos constantes de escala (CRS).

O modelo BCC, desenvolvido por Banker, Charnes, Cooper (1984), surgiu como uma forma resultante da partição da eficiência do modelo CCR em duas componentes: a eficiência técnica e a eficiência de escala. A medida de eficiência técnica, resultante do modelo BCC, identifica a correta utilização dos recursos à escala de operação da DMU. A eficiência de escala é igual ao quociente da eficiência BCC com a eficiência CCR e dá uma medida da

distância da DMU em análise até uma DMU fictícia, que opera com o tamanho da escala mais produtivo. No Quadro 2, seguem as formulações do modelo.

Quadro 2: Modelo BCC

| Minimização de <i>Inputs</i> - BCC-I | Maximização de <i>Output</i> - BCC-O |
|---|--|
| Primal (Envelope) $Min \theta$ Sujeito a: $\theta x_{i0} - \sum_{k=1}^n x_{ik} \lambda_k \geq 0, i=1,2,\dots,r$ $-y_{j0} + \sum_{k=1}^n y_{jk} \lambda_k \geq 0, j=1,2,\dots,s$ $\sum_{k=1}^n \lambda_k = 1$ $\lambda_k \geq 0 \forall k$ Dual (Multiplicadores) $Max Eff_0 = \sum_{j=1}^s u_j y_{j0} - u_*$ Sujeito a: $\sum_{i=1}^r v_i x_{i0} = 1$ $\sum_{j=1}^s u_j y_{jk} - \sum_{i=1}^r v_i x_{ik} - u_* \leq 0, K = 1,2,\dots,n$ $u_j e v_i \geq 0 \forall j, i$ Representação Gráfica  | Primal (Envelope) $Max \theta$ Sujeito a: $x_{i0} - \sum_{k=1}^n x_{ik} \lambda_k \geq 0, i=1,2,\dots,r$ $-\theta y_{j0} + \sum_{k=1}^n y_{jk} \lambda_k \geq 0, j=1,2,\dots,s$ $\sum_{k=1}^n \lambda_k = 1$ $\lambda_k \geq 0 \forall k$ Dual (Multiplicadores) $Min Eff_0 = \sum_{i=1}^r v_i x_{i0} - u_*$ Sujeito a: $\sum_{j=1}^s u_j y_{j0} = 1$ $\sum_{i=1}^r v_i x_{ik} - \sum_{j=1}^s u_j y_{jk} - u_* \leq 0, K = 1,2,\dots,n$ $u_j e v_i \geq 0 \forall j, i$ Representação Gráfica  |

onde: Eff_0 – eficiência da DMU₀;

u_j, v_i – pesos de *outputs* e *inputs* respectivamente;

x_{ik}, y_{jk} – *inputs* i e *outputs* j da DMU _{k} ;

x_{i0}, y_{j0} – *inputs* i e *outputs* j da DMU₀.

Visualmente, a diferença entre as formulações dos modelos BCC e CCR é a restrição de convexidade. Porém, as representações gráficas demonstram ainda que os modelos apresentam algumas outras diferenças na forma da função de produção, determinada pela restrição de convexidade, diferenciando os objetivos na busca pela eficiência, dos modelos

BCC e CCR. Neste trabalho, utilizaremos o modelo BCC, orientado para minimização de *inputs*, devido à necessidade de se utilizar variáveis *outputs* com valores negativos.

3.1 Limitações e Vantagens da DEA

Segundo Cooper, Seiford e Tone (2000), a DEA, por ser um método de avaliação não paramétrico, tem algumas características diferenciadas em relação a outros métodos. Contrastando com métodos paramétricos, onde o objetivo é otimizar um plano de regressão simples, a DEA otimiza individualmente cada uma das observações, uma em relação às demais, para assim, determinar a fronteira de eficiência. A análise paramétrica tradicional aplica a mesma função de produção a cada uma das observações. Portanto, o foco da DEA está nas n otimizações, em contrapartida às estimações de parâmetros das aproximações estatísticas utilizadas por outros métodos.

Outra vantagem da DEA é a de não requerer nenhuma forma funcional das variáveis envolvidas nas análises. Além disso, também não é necessário fazer nenhuma suposição a respeito da distribuição das variáveis. O fato de se poder trabalhar com múltiplos *outputs* e *inputs* também é uma importante vantagem. No entanto, a escolha das variáveis presentes no modelo deve ser feita com bastante cuidado, pois quanto mais variáveis presentes, menor é o poder discriminatório do modelo.

Em contrapartida às vantagens descritas, há uma desvantagem relacionada às técnicas de estimação paramétricas. *A priori*, as hipóteses não podem ser testadas com o rigor estatístico, bem como o erro relativo à estimação da fronteira, uma vez que insumos e produtos podem ser variáveis aleatórias.

Baseado em resultados obtidos em trabalhos anteriores, pode-se concluir que o modelo é eficiente naquilo a que se propõe. Observamos que realmente é possível, através de uma análise comparativa, destacarmos níveis de eficiência e, conseqüentemente, tomar decisões de forma mais segura e com mais agilidade.

3.2 DEA na avaliação do setor bancário e finanças.

A utilização de DEA na análise de eficiência do setor bancário é bastante difundida internacionalmente. Berger e Humphrey (1997) fizeram um detalhado levantamento onde foram compilados 130 trabalhos, cobrindo 21 países, que utilizavam as análises de fronteira eficiente. Há também muitos registros de trabalhos recentes como os de Yudistira (2002) que fazem uma análise da eficiência dos bancos islâmicos. Nieto, Cinca e Molinero (2004) investigam o desempenho de instituições de microcrédito. Stavárek (2005) mostra a eficiência de bancos situados em regiões em diferentes estágios de integração com a União Européia. Já Drake, Hall e Simper (2005) avaliaram a eficiência do setor bancário japonês. Para o mercado bancário brasileiro, contudo, poucos trabalhos foram desenvolvidos.

Ceretta e Niederauder (2000) analisaram 144 instituições bancárias, com base nas suas demonstrações contábeis semestrais. Neste trabalho, as instituições financeiras foram agrupadas em três categorias, segundo o seu porte, medido pelo valor do patrimônio líquido. Tal medida foi tomada para tornar os grupos mais homogêneos, minimizando os eventuais efeitos provocados pelo porte das instituições. O trabalho conclui que as instituições financeiras de maior porte são as mais eficientes.

Outro trabalho que pode ser destacado é o de Silva (2000). Ele teve como objetivo analisar a eficiência das 25 maiores instituições financeiras brasileiras, de acordo com sua posição de ativos na data base de março de 2000. Neste estudo, foi utilizada a metodologia

DEA em conjunto com o método de seleção de variáveis *I-O Stepwise*. Do conjunto analisado, 19 instituições foram consideradas eficientes.

O trabalho desenvolvido por Gonçalves (2003) teve extrema importância, não só para a difusão da aplicação da metodologia na avaliação de instituições financeiras, como também para o desenvolvimento da DEA como ferramenta que contempla a opinião de especialistas. Propôs-se então um teorema para garantia de equivalência entre um conjunto de restrições aos pesos e a inclusão de uma DMU artificial. Fez-se também uma aplicação com dados reais de um conjunto de fundos de investimentos financeiros brasileiros.

Marques, Matias e Camargo Junior (2004) desenvolveram um estudo que analisa e compara 19 bancos comerciais e múltiplos que atuam no Brasil. Os dois modelos CCR e BCC foram desenvolvidos para os 19 bancos, considerando fatores de custo (*inputs*) e ganhos ou rentabilidades (*outputs*). Os autores também utilizaram neste trabalho uma análise de regressão para relacionar a ineficiência de escala dos bancos de maior porte.

4. ASPECTOS INICIAIS DA ANÁLISE: BASE DE DADOS E DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS UTILIZADAS

4.1 Coleta dos dados

Os dados necessários para a realização deste trabalho foram obtidos no site do Banco Central do Brasil, através do relatório “50 Maiores Bancos e o Consolidado do Sistema Financeiro Nacional”.

4.2 Descrição das variáveis

De acordo com a opinião dos especialistas, foram escolhidas inicialmente onze variáveis para analisar a eficiência dos cinquenta maiores bancos do mercado financeiro nacional. Destes, seis índices financeiros representam variáveis de entrada (*input*) e cinco, variáveis de saída (*output*). A escolha das variáveis considerou índices financeiros com a característica de quanto menor melhor, para representar as variáveis de entrada (*input*) e índices financeiros com a característica de quanto maior melhor, para representar as variáveis de saída (*output*).

A análise feita através do uso de índices financeiros ajuda o analista a avaliar a saúde financeira da organização, possibilita a percepção dos pontos fortes e fracos relacionados à estrutura, à liquidez, à lucratividade e à atividade.

Um dos principais instrumentos para se avaliar certos aspectos dos desempenhos passados, presentes e futuros da empresa, conforme exposto por Perez Jr. e Begalli (1999), é a análise de índices econômico-financeiros, calculados basicamente com base nas contas das demonstrações financeiras. A análise financeira através de índices serve de base para nortear o bom desempenho, além de ser considerada, por vários autores, instrumento eminentemente prático.

4.2.1 Variáveis de Input

- N° Funcionários: representa o número total de pessoas com vínculo empregatício direto com as instituições financeiras. Não estão contemplados os trabalhadores indiretos, contratados através de serviços terceirizados².

- N° Agências: representa todos os pontos de vendas que as instituições financeiras disponibilizam para o atendimento ao público. Neste número, estão incluídos, além das agências, os postos de atendimentos bancários (PAB)².

- Alavancagem: indica a relação entre os recursos de terceiros e os capitais próprios. Mede a agressividade da instituição, ao apontar, no seu passivo, a relação entre recursos de terceiros e capital próprio. Medida em pontos é obtida pela divisão do passivo total (descontado do patrimônio líquido) pelo patrimônio líquido. Quanto maior o índice, maior é o risco envolvido nas operações da instituição.

- Índice de Inadimplência: indica a relação entre a provisão para crédito em liquidação e o valor total de crédito realizado pela instituição. Medido em percentual, expressa os empréstimos mal deferidos pelas instituições, ou seja, de difícil recebimento. Quanto menor, melhor.

- Grau de Imobilização: indica a proporção do capital próprio investido em ativo permanente. É obtido pela divisão do ativo permanente pelo patrimônio líquido. Indica a proporção do capital próprio da instituição, aplicado em ativos permanentes. Quanto menor este número, melhor, pois haverá mais recursos disponíveis para o giro da atividade.

- Custo Operacional: indica a eficiência operacional da instituição. Medido em pontos, é obtido pela divisão da soma de despesas, de pessoal e administrativas, pela soma do resultado bruto da intermediação financeira mais receita de prestação de serviços. É uma medida de eficiência da instituição financeira por comparar gastos operacionais com as principais fontes de recursos gerados na própria operação. Quanto menor, melhor.

4.2.2 Variáveis de Output

- Resultado de Intermediação Financeira: corresponde à diferença entre receitas e despesas de intermediação financeira (receitas de operações de crédito, despesas de captação no mercado, resultados de operações com títulos e valores mobiliários, câmbio, aplicações compulsórias e outros). Valor declarado no demonstrativo de resultados.

- Rentabilidade do PL (patrimônio líquido): mede o retorno final dos acionistas em relação ao capital próprio da instituição. Quanto maior, melhor. Expressa em percentual, é obtida pelo resultado da divisão do resultado líquido pelo patrimônio líquido, multiplicado por 100.

- Resultado Operacional: representa o resultado bruto da soma da receita de intermediação financeira, da receita de prestação de serviços, do resultado da participação em controladas / coligadas e do saldo de outras receitas, dividido pelas despesas operacionais, deduzidas despesas de pessoal, administrativas e tributárias. Valor declarado no demonstrativo de resultados.

- Lucro Líquido: representa o resultado final do exercício, apurado de acordo com as regras legais, sem considerar os efeitos da inflação, depois de descontado a provisão para o imposto de renda e a contribuição social e ajustados os juros sobre capital próprio, considerados como despesas financeiras. Valor declarado no demonstrativo de resultados, quanto maior, melhor.

- Patrimônio Líquido: indica os recursos próprios da instituição. Valor declarado no balanço patrimonial. Quanto maior, melhor.

4.3 Tratamento dos Dados

Uma dificuldade de aplicação da Análise por Envoltória de Dados em análise de demonstrações contábeis advém da impossibilidade de se utilizar valores negativos, pois

alguns dos mais tradicionais indicadores contábeis os assumem. É o caso do resultado, que pode ser lucro (positivo) ou prejuízo (negativo). As medidas de retorno sobre patrimônio líquido e sobre ativo são igualmente derivadas do resultado e podem, portanto, assumir valores negativos, como por exemplo, as medidas dinâmicas de evolução das vendas e os indicadores financeiros como o resultado operacional. Alguns autores propõem formas de superar essa limitação. Se o número de unidades sob avaliação é grande, pode-se avaliar a possibilidade de simples exclusão das unidades que tenham valores negativos em recursos e produtos.

Outra forma de superar o problema da utilização de valores negativos baseia-se na propriedade de alguns modelos DEA, chamada de *translation invariance*. [Ali e Seiford (1990); Pastor (1997); Lovell e Pastor (1995)]. Essa propriedade faz com que a solução do modelo não seja afetada por uma conversão (ou transformação) dos valores negativos em positivos. Assim, em alguns casos, os escores de eficiência são mantidos. Em outros, a classificação em unidades eficientes e ineficientes é que é.

A inclusão de variáveis com valores negativos na DEA foi primeiro tratada no artigo *Translation Invariance in Data Envelopment Analysis* de Ali e Seiford (1990). Os modelos Aditivo e BCC são apresentados como portadores da propriedade que permitiria a tradução de valores negativos para variáveis, através da soma de uma constante, ressaltando-se que, para o segundo, “os escores de eficiência (valores da função objetivo) para as DMU ineficientes serão diferentes quando os dados forem traduzidos” Ali e Seiford (1990).

Pastor (1997) apresentou um adendo às conclusões anteriores de Ali e Seiford (1990), provando que, para o Modelo BCC, a propriedade é limitada: quando se considera o modelo com orientação para o insumo, a tradução somente pode ser aplicada aos produtos; e, no modelo com orientação para o produto, pode-se aplicar a transformação aos insumos. A estratégia adotada para trabalhar com o problema das variáveis negativas foi a utilização do modelo orientado para minimização de inputs, como descreve Kassai (2002), que trata de aplicação de DEA em índices financeiros.

Baseado nos métodos citados acima, algumas modificações foram realizadas em variáveis específicas. Nas variáveis de *output* que apresentaram valores negativos, foi criada uma constante, composta do valor mais negativo de cada variável mais um. Esta constante foi somada às variáveis que passaram a ter valores estritamente positivos. As variáveis modificadas por este processo foram: Resultado de Intermediação Financeira, Rentabilidade PL, Resultado Operacional e Lucro Líquido.

Os Bancos 34, 41, 45 e 50 foram retirados da análise por apresentarem variáveis *inputs* com valores negativos, o que inviabilizaria a aplicação da metodologia com orientação para minimização de *inputs*.

4.4 Método de Seleção das Variáveis

O primeiro procedimento para a seleção de variáveis, de acordo com o método *Stepwise*, foi realizado por Norman e Stoker (1991), sendo que o trabalho desenvolvido por Kittelsen (1993) identifica, de forma mais aplicada, a teoria do Método I-O *Stepwise*. Norman e Stoker (1991) iniciam o método I-O *Stepwise* pela definição de um par *input-output* inicial. Após esta escolha, eram calculados os escores de eficiência das DMU com base neste par. Além disso, eram medidos os coeficientes de correlação de todas as demais variáveis com os escores obtidos. A lista era percorrida em ordem decrescente de módulo de coeficiente de correlação, procedendo-se a uma análise causal para selecionar a próxima variável a ingressar

no modelo, Lins e Meza (2000). O método I-O *Stepwise* reconhece que existe uma informação prévia sobre a natureza da variável, ou seja, se a mesma é *input* ou *output*.

A seleção das variáveis será feita pelo método I-O *Stepwise*, apresentado por Lins e Meza (2000). O método baseia-se no critério de grau de ajustamento, ou melhor, da proximidade existente com a fronteira eficiente. Ele está centrado na comparação das correlações entre as variáveis e a eficiência, onde primeiramente é escolhido um par inicial, através da observação da maior correlação entre *inputs* e *outputs*. O par inicial também pode ser, simplesmente, escolhido pelo decisor, baseado em sua experiência. O objetivo é incorporar o parâmetro que permite um melhor ajuste das DMU à fronteira de eficiência.

Tabela 1: Matriz de correlação *inputs* x *outputs*

| | Nº de Funcionários | Nº de Agências | Alavancagem | Índice de Inadimplência | Grau de Imobilização | Custo Operacional | Resultado de Intermediação Financeira | Rentabilidade do PL | Resultado Operacional | Lucro Líquido | Patrimônio Líquido |
|---------------------------------------|--------------------|----------------|-------------|-------------------------|----------------------|-------------------|---------------------------------------|---------------------|-----------------------|---------------|--------------------|
| Nº de Funcionários | 1.0000 | 0.9573 | 0.1982 | 0.2908 | 0.4465 | -0.011 | 0.9235 | 0.2048 | 0.7253 | 0.7318 | 0.8123 |
| Nº de Agências | 0.9573 | 1.0000 | 0.1267 | 0.2569 | 0.5062 | -0.0221 | 0.9673 | 0.2245 | 0.8345 | 0.8391 | 0.9100 |
| Alavancagem | 0.1982 | 0.1267 | 1.0000 | -0.1257 | 0.4283 | -0.0798 | 0.0950 | 0.1052 | 0.0283 | 0.0163 | -0.0246 |
| Índice de Inadimplência | 0.2908 | 0.2569 | -0.1257 | 1.0000 | 0.1749 | 0.2430 | 0.2728 | 0.0809 | 0.1869 | 0.1985 | 0.1828 |
| Grau de Imobilização | 0.4465 | 0.5062 | 0.4283 | 0.1749 | 1.0000 | 0.1510 | 0.5063 | 0.1603 | 0.4281 | 0.4829 | 0.4960 |
| Custo Operacional | -0.0111 | -0.0221 | -0.0798 | 0.2430 | 0.151 | 1.0000 | -0.0843 | -0.5746 | -0.1474 | -0.1484 | -0.0566 |
| Resultado de Intermediação Financeira | 0.9235 | 0.9673 | 0.095 | 0.2728 | 0.5063 | -0.0843 | 1.0000 | 0.2831 | 0.8961 | 0.9199 | 0.9493 |
| Rentabilidade do PL | 0.2048 | 0.2245 | 0.1052 | 0.0809 | 0.1603 | -0.5746 | 0.2831 | 1.0000 | 0.3328 | 0.9199 | 0.9493 |
| Resultado Operacional | 0.7253 | 0.8345 | 0.0283 | 0.1869 | 0.4281 | -0.1474 | 0.8961 | 0.3328 | 1.0000 | 0.9736 | 0.8796 |
| Lucro Líquido | 0.7318 | 0.8391 | 0.0163 | 0.1985 | 0.4829 | -0.1484 | 0.9199 | 0.3485 | 0.9736 | 1.0000 | 0.9055 |
| Patrimônio Líquido | 0.8123 | 0.9100 | -0.0246 | 0.1828 | 0.4960 | -0.0566 | 0.9493 | 0.1874 | 0.8796 | 0.9055 | 1.0000 |

Baseado nos resultados da matriz de correlação enumerados acima, optou-se eliminar a variável *número de agências*. Tal variável é muito correlacionada a *número de funcionários* que, baseado na opinião de especialistas, é logicamente mais importante para medir a escala do Banco. Entre os *outputs*, foram retirados *patrimônio líquido* e *lucro líquido*. Por dois motivos: apresentam altas correlações com outros *outputs* (*resultado de intermediação financeira* e *resultado operacional*, respectivamente). Além disso, estas variáveis já estão contempladas na *rentabilidade*, com a vantagem desta não ser sensível à escala do banco.

Com base na correlação, o par inicial definido foi *resultado de intermediação financeira* e *número de funcionários*. Após a escolha deste par, processa-se o modelo, gerando um vetor de eficiência. Então, a entrada da próxima variável no modelo, dá-se através das comparações das correlações entre as variáveis e o vetor de eficiência. Isto é, entra para o modelo a variável que apresentar maior correlação com a eficiência. Os resultados desta etapa podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2: Matriz de correlação das variáveis com os vetores de eficiência

| | MODIN | MOD2 | MOD3 | MOD4 |
|-------------------------|---------------|--------------|--------------|--------|
| Alavancagem | -0.0,25 | -0.013 | 0.016 | - |
| Índice de Inadimplência | -0.042 | 0.091 | - | - |
| Grau de Imobilização | -0.125 | - | - | - |
| Custo Operacional | -0.331 | -0.325 | 0.241 | -0.241 |
| Rentabilidade do PL | 0.208 | 0.231 | 0.165 | 0.226 |
| Resultado Operacional | 0.613 | 0.636 | 0.596 | 0.537 |

Acima, percebe-se que as variáveis *grau de imobilização*, *índice de inadimplência* e *alavancagem* foram, respectivamente, introduzidas no modelo. Apesar de a variável *rentabilidade PL* não ter sido escolhida para o modelo pelo método *I-O Stepwise*, julgou-se que ela seria extremamente importante para a avaliação da eficiência dos bancos, uma vez que ela por si só já pode ser considerada um indicador de eficiência. Com base nisso, a variável também foi incluída. Como nos modelos DEA, a inclusão de uma nova variável não pode acarretar na redução da eficiência de qualquer unidade. As variáveis que não alterarem os escores de eficiência de forma significativa serão identificadas, conseqüentemente, como fatores que não contribuem para que as DMU se aproximem da fronteira de eficiência. Em virtude deste fato, tais critérios serão retirados do modelo. Abaixo, é possível ver a eficiência média do modelo após a inclusão de cada uma das variáveis.

Tabela 3: Eficiência média

| Iterações | Eficiência Média |
|--------------------|------------------|
| MODIN | 21,26 |
| MOD2 | 24,24 |
| MOD3 | 28,96 |
| MDO4 | 35,53 |
| MOD4+Rentabilidade | 50,23 |

O processo de entrada de variáveis acaba quando o decididor julga que a entrada de uma dada variável não promoveu um aumento significativo na eficiência do modelo, ou quando sobram apenas variáveis que apresentam correlação indesejada com a eficiência. O modelo proposto trabalha com variáveis caracterizadas como índices financeiros, o que faz com que o modelo se torne mais discriminatório. Este fato faz com que a eficiência média do modelo seja mais baixa que o usualmente observado quando se trabalha com variáveis que expressam quantidades.

4.5 Universo analisado

Foram excluídos do universo de análise os bancos que centralizam seus negócios nos setores de atacado, realizando basicamente operações estruturadas para grandes empresas, assim como as instituições financeiras que focam seus negócios no setor de crédito e financiamento para pessoas físicas, por consideramos que estas empresas não possuem as mesmas características e objetivos que os bancos de varejo, que possuem pelo menos 50 agências bancárias.

Estes bancos, além dos negócios descritos acima, também possuem outras operações de serviços e produtos bancários e, por isso, se distinguem dos demais bancos que focam suas atividades em segmentos específicos. As unidades analisadas no artigo, representadas pelos 21 bancos restantes, representam, aproximadamente, 75% de todo o Sistema Financeiro Nacional, em termos de ativos.

5. DMU ARTIFICIAIS: INTRODUZINDO A OPINIÃO DO ESPECIALISTA

Segundo Figueiredo (2005), a flexibilidade na escolha dos pesos existente na metodologia DEA clássica é importante na identificação das DMU ineficientes, ou seja, que apresentam baixo desempenho inclusive com pesos definidos de forma mais favorável. Contudo, em DEA, a atribuição de pesos não é uma tarefa de baixa complexidade. A escolha

dos pesos introduzida no PPL através de restrições pode gerar inviabilidade na solução do problema.

Roll e Golany (1991) constataram que cada peso em DEA, estritamente positivo, era equivalente a uma DMU não observada (DMU artificial), introduzida entre as demais no momento da análise. Allen et al. (1997) generalizaram essa observação para o caso de múltiplos *inputs* e/ou *outputs*, para DMU que operam com retornos constantes de escala ou para as que operam com retornos variáveis de escala. Desta forma, a inclusão de uma DMU Artificial ao conjunto original de DMU funciona como método alternativo de simulação de um conjunto de restrições aos pesos, sendo os índices de eficiência desse novo conjunto calculados pelo método clássico, sem restrições aos pesos, o mesmo que o obtido com o conjunto inicial de DMU utilizando restrições aos pesos ao invés de DMU artificiais. As coordenadas escolhidas para as DMU Artificiais são fundamentais para a efetividade da solução.

Como observamos em Gonçalves (2003), no modelo CCR, as DMU Artificiais podem ser definidas com a utilização das equações (4.1) ou (4.2), sem que haja diferença nos resultados. Ambas simulam as restrições ARI e ARII.

$$y_{rjt} = \frac{y_{rj}}{h_j^*} \quad e \quad x_{ijt} = x_{ij} \quad \forall jt = j \quad (4.1)$$

$$y_{rjt} = y_{rj} \quad e \quad x_{ijt} = x_{ij} \times h_j^* \quad \forall jt = j \quad (4.2)$$

Já para o modelo BBC, a eficiência depende da orientação do modelo. Assim, a definição da DMU Artificial, utilizando contração dos *inputs* conforme equações expressas em (4.3), não produz os mesmos resultados se for utilizada a expansão dos *outputs*, conforme equações expressas em (4.4).

$$y_{rjv} = y_{rj} \quad e \quad x_{ijv} = x_{ij} \times v_i^* \quad \forall jv = j \quad (4.3)$$

$$y_{rjv} = \frac{y_{rj}}{v_j^*} \quad e \quad x_{ijv} = x_{ij} \quad \forall jv = j \quad (4.4)$$

Figueiredo (2005) fez a generalização das restrições de Gonçalves (2003) para problemas multidimensionais.

No caso particular do trabalho, estabeleceu-se como corte a média da rentabilidade, isto é, nenhum banco com rentabilidade inferior a média poderia ser mais eficiente que um outro com rentabilidade acima da média. Sendo assim, neste caso, foi introduzida uma DMU artificial, chegando-se ao total de 5 interações, para que fosse possível chegar aos resultados finais. A definição do corte foi fundamental para a aplicação das restrições de Gonçalves (2003), pois sem esta definição seria impossível aplicar a metodologia.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Abaixo, observamos a Tabela 4 que mostra os resultados finais do modelo DEA BCC orientado para a minimização de *inputs*, considerando as variáveis selecionadas pelo método I-O *Stepwise* e com as DMU artificiais inseridas.

Tabela 4: Scores de eficiência do Modelo DEA-BCC

| Banco | Rentabilidade | Classe | Score | Banco | Rentabilidade | Classe | Score |
|----------|---------------|----------------|-------|----------|---------------|-----------------|-------|
| ARTIFIC1 | 18,38 | - | 100 | Banco 48 | 28,80 | Acima da Média | 83,77 |
| ARTIFIC2 | 22,73 | - | 100 | Banco 38 | 30,03 | Acima da Média | 78,97 |
| ARTIFIC3 | 11,03 | - | 100 | Banco 22 | 32,13 | Acima da Média | 75,96 |
| ARTIFIC4 | 21,77 | - | 100 | Banco 6 | 32,58 | Acima da Média | 64,17 |
| ARTIFIC5 | 24,96 | - | 100 | Banco 32 | 32,59 | Acima da Média | 56,88 |
| Banco8 | 38,77 | Acima da Média | 100 | Banco 21 | 25,50 | Abaixo da Média | 56,69 |
| Banco10 | 31,55 | Acima da Média | 100 | Banco 9 | 22,73 | Abaixo da Média | 56,25 |
| Banco13 | 32,33 | Acima da Média | 100 | Banco 7 | 18,38 | Abaixo da Média | 56,03 |
| Banco35 | 39,41 | Acima da Média | 100 | Banco 2 | 21,77 | Abaixo da Média | 56,02 |
| Banco42 | 30,82 | Acima da Média | 100 | Banco 23 | 11,03 | Abaixo da Média | 56,01 |
| Banco43 | 29,89 | Acima da Média | 100 | Banco 18 | 24,96 | Abaixo da Média | 55,97 |
| Banco44 | 29,91 | Acima da Média | 100 | Banco 37 | 25,22 | Abaixo da Média | 55,08 |
| Banco20 | 33,16 | Acima da Média | 98,00 | Banco 14 | 28,14 | Abaixo da Média | 42,20 |

Um terço dos 21 bancos foram considerados eficientes. Em 2004, os bancos de varejo registraram um dos melhores desempenhos dos últimos anos. Com a economia crescendo, embora ainda abaixo do esperado, mas com juros e *spreads* elevados, podemos observar que os bancos considerados eficientes, direcionaram seus negócios para operações de crédito. Na Tabela 5, é evidenciado o espaço de pesos dos bancos considerados eficientes, classificados como: Alta Contribuição (AC), Média Contribuição (MC), Baixa Contribuição (BC) e Nenhuma Contribuição (NC).

Tabela 5: Pesos atribuídos pelo Modelo DEA-BCC – Bancos eficientes

| Bancos | Artific 1 | Artific 2 | Artific 3 | Artific 4 | Artific 5 | Banco 8 | Banco 10 | Banco 13 | Banco 36 | Banco 42 | Banco 43 | Banco 44 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Nº de Funcionários | AC | NC | MC | BC | BC | AC | NC | NC | AC | AC | AC | NC |
| Alavancagem | NC | AC | MC | NC | NC | NC | NC | NC | NC | NC | NC | NC |
| Índice de Inadimplência | NC | NC | NC | AC | NC | NC | NC | NC | BC | NC | NC | AC |
| Grau de Imobilização | NC | NC | NC | NC | AC | NC | AC | AC | NC | NC | NC | NC |
| Resultado de intermediação financeiras | AC | NC | NC | AC | BC | NC | AC | NC | AC | AC | AC | BC |
| Rentabilidade de PL | BC | AC | NC | NC | NC | AC | NC | BC | BC | AC | MC | AC |

Todas as DMU têm pelo menos uma variável com peso 0 (NC) atribuído. Isso significa que a variável foi desprezada no cálculo da eficiência da DMU, provavelmente porque, se ela fosse levada em consideração, o Banco (DMU) poderia não mais ser eficiente. Ou, simplesmente, porque a solução encontrada pelo modelo não foi a que considera pesos diferentes de 0 para todas as variáveis, podendo ela existir, sendo assim a DMU ser considerada realmente eficiente.

Na Tabela 5, também se pode observar que as variáveis *Rentabilidade PL*, *Resultado de intermediação financeira* e *Número de funcionários* foram as variáveis mais representativas no cálculo do escore dos bancos eficientes.

Ainda sobre os eficientes, a expansão do crédito, incentivada pelo movimento do empréstimo consignado, foi uma das principais responsáveis pelo aumento das receitas das instituições financeiras. O banco 35, por exemplo, aumentou sua carteira de crédito em 31% e a receita das operações subiu 35%. Isso se reflete diretamente nas variáveis *Rentabilidade PL*

e *Resultado de intermediação financeira*, que foram amplamente consideradas pelo modelo para o cálculo da eficiência deste banco.

Uma outra estratégia utilizada pelos bancos considerados eficientes na amostra foi a criação de departamentos específicos que atuam com cada vez mais autonomia nos seguintes segmentos: atacado, *middle market* e pessoa física.

Apesar de terem recuado no ano passado por causa da expansão do crédito, as operações de tesouraria, feitas principalmente com títulos públicos, ainda proporcionaram bons resultados para estas instituições, fato que pode ser observado diretamente na variável *Resultado de intermediação financeira*.

Além disso, a aquisição de bancos menores e as associações com outras empresas, também devem ser levadas em consideração no fortalecimento dos resultados dos bancos considerados eficientes. O banco 35, por exemplo, associou-se ao banco 17 e a uma grande rede de supermercados para ampliar sua participação no segmento de empréstimos e financiamentos com *spreads* elevados, basicamente destinados aos consumidores de baixa renda. Com isso, seu risco de perda foi pulverizado, causando efeito direto nas variáveis *Índice de inadimplência* e *Rentabilidade PL*, que foram amplamente consideradas no cálculo da eficiência deste banco.

Outra análise interessante que se pode fazer acerca dos bancos considerados eficientes refere-se ao Banco 10 que, ao longo dos anos, trabalhou com exclusividade no setor público, oferecendo operações de empréstimos consignados com *spreads* elevados e baixo risco. Tal fato impacta diretamente na variável *Resultado de intermediação financeira*, amplamente considerada para o cálculo da eficiência. Outro fato interessante a ser destacado para este banco refere-se ao seu baixo Grau de Imobilização em relação ao seu patrimônio líquido.

A seguir, observamos os resultados dos decréscimos necessários para que cada banco possa atingir a fronteira de eficiência.

Tabela 6: Decréscimo de *inputs* necessário para atingir a fronteira

| | Banco 2 | Banco 6 | Banco 9 | Banco 14 | Banco 18 | Banco 20 | Banco 21 | Banco 22 | Banco 32 | Banco 37 | Banco 38 | Banco 37 | Banco 48 |
|-------------------------|---------|---------|---------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Nº de Funcionários | -43,98 | -35,83 | -44,00 | -57,80 | -44,03 | -13,91 | -43,31 | -24,04 | -44,99 | -43,12 | -50,66 | -21,03 | -16,23 |
| Alavancagem | -44,03 | -74,49 | -43,75 | -76,92 | -44,09 | -2,00 | -48,06 | -42,24 | -44,06 | -55,43 | -57,86 | -68,38 | -18,12 |
| Índice de Inadimplência | -43,98 | -35,83 | -43,93 | -57,80 | -44,16 | -2,00 | -48,25 | -50,99 | -44,06 | -43,12 | -44,92 | -56,88 | -21,14 |
| Grau de Imobilização | -43,98 | -84,69 | -44,00 | -87,94 | -44,03 | -12,87 | -67,40 | -24,04 | -44,02 | -54,12 | -79,20 | -21,03 | -38,71 |

Fazendo-se uma análise específica de cada variável, é possível observar que em relação ao número de funcionários, o Banco 14 precisa ter o decréscimo maior em relação à situação atual, enquanto o Banco 20 e o Banco 48 necessitam de ajustes menores. O Banco que tem o pior cenário em relação à alavancagem é o Banco 6, que precisa fazer reduções de aproximadamente 75% para atingir a fronteira. Enquanto isso, o Banco 20 precisa reduzir apenas 2%. O Banco 14 é o que precisa fazer reduções mais drásticas no *Índice de inadimplência*, enquanto o Banco 20 é o que necessita de menores ajustes. As reduções relacionadas ao grau de imobilização precisam ser mais fortes no Banco 6, enquanto o Banco 20 apresenta necessidades de redução de apenas 12% nesta variável.

Fazendo-se a análise em relação aos Bancos é possível observar que o Banco 20 e o Banco 48 são os que precisam de menos decréscimos nas variáveis para se tornarem eficientes, enquanto o Banco 14 e o Banco 6 são os que necessitam de alterações mais radicais.

Tabela 7: Pesos atribuídos pelo Modelo DEA-BCC – Bancos ineficientes

| Bancos | Banco 2 | Banco 6 | Banco 7 | Banco 9 | Banco 14 | Banco 18 | Banco 20 | Banco 21 | Banco 22 | Banco 23 | Banco 32 | Banco 37 | Banco 38 | Banco 40 |
|---|---------|---------|---------|---------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Nº de Funcionários | BN | BC | MC | NC | MC | BC | NC | AC | MC | AC | AC | AC | BC | AC |
| Alavancagem | NC | NC | BC | AC | NC | NC | BC | NC |
| Índice de Inadimplência | NC | BC | NC | NC | BC | NC | AC | NC | NC | NC | BC | AC | NC | NC |
| Grau de Imobilização | AC | NC | BC | NC | NC | AC | NC | NC | BC | NC | NC | NC | MC | NC |
| Resultado de intermediações financeiras | AC | NC | AC | NC | NC | BC | AC | BC | AC | NC | AC | NC | AC | AC |
| Rentabilidade de PL | NC | AC | AC | AC | BC | BC | NC | BC | BC | BC | AC | AC | AC | BC |

Na Tabela 7, valem os comentários feitos a respeito da Tabela 5, isto é, que a variável com peso 0 foi desprezada no cálculo da eficiência da DMU, provavelmente porque, se ela fosse levada em consideração, o Banco (DMU) poderia ser ainda mais ineficiente. Para os bancos ineficientes, as variáveis *Rentabilidade PL*, *Resultado de intermediação financeira* e *Número de funcionários* também foram as variáveis mais representativas no cálculo do escore dos bancos eficientes, classificados na Tabela 7 como: Alta Contribuição (AC), Média Contribuição (MC), Baixa Contribuição (BC) e Nenhuma Contribuição (NC).

7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

No estudo, observa-se uma das principais contribuições da metodologia DEA: a identificação e a definição das unidades eficientes como *benchmarking* para as demais, sendo uma ferramenta de análise gerencial eficaz, pois além de apontar os problemas, sugere o caminho para atingir à eficiência.

A escolha de índices financeiros como variáveis fortaleceu o modelo, no sentido de abranger de forma discriminatória, aspectos que envolvem a estrutura de capital, o ciclo financeiro e os resultados operacionais das instituições financeiras.

A aplicação das DMU Artificiais em substituição à técnica de restrições aos pesos para os casos de múltiplos *inputs* e/ou *outputs*, demonstrou que nenhuma unidade com valor de *output* indesejável pode ter eficiência superior ao índice de qualquer unidade com *output* aceitável. Ela também se mostrou viável no caso analisado, pois agregou a opinião dos especialistas e chegou às mesmas conclusões de uma forma bem mais simples.

Com relação aos resultados encontrados, podemos observar que 2/3 das instituições não foram consideradas eficientes. Na análise de seus históricos, podemos citar como principais fatores de ineficiência, o fato de algumas instituições apresentarem problemas em operações de crédito, refletindo de forma negativa em seus resultados, além de alguns conglomerados financeiros estarem passando por incorporações que ainda não foram totalmente finalizadas, apresentando problemas estruturais.

Um outro fator de ineficiência seria a demora de algumas instituições em acompanhar as freqüentes mudanças ocorridas no mercado, como variações na taxa de juros, assim como a tendência de associação com empresas de outros setores, com a finalidade de expandir a oferta de crédito, além de outros produtos e serviços bancários a novos clientes.

Como recomendação para futuros trabalhos, sugere-se a coleta de informações para diferentes datas-base, com o objetivo de observarmos a eficiência das unidades analisadas ao longo de um período histórico. Além disso, pesquisas futuras poderiam utilizar outras variáveis, como por exemplo, fatores exógenos às unidades bancárias, ou seja, variações na taxa básica de juros, câmbio e/ou índices de Bolsa de Valores internas e externas que influenciam os investimentos nacionais.

Futuros trabalhos poderão também analisar a comparação do mercado financeiro nacional com o de outros países, principalmente utilizando os conglomerados financeiros internacionais que atuam de forma globalizada.

Outra questão encontrada refere-se à orientação do modelo em contextos onde há variáveis negativas, pois, no caso estudado, a orientação a *input* se fez imperativa. Logo, serve como sugestão o desenvolvimento de novas técnicas que disponibilizem soluções mais flexíveis quando ocorrer problemas como este.

Baseado nos resultados obtidos, conclui-se que o modelo é eficiente naquilo a que se propõe, tendo se confirmado, após a análise dos resultados, que realmente é possível, através de uma análise comparativa, destacar-se níveis de eficiência para facilitar a tomada de decisões por parte dos gestores, de forma mais rápida e segura.

Notas

¹ Banco Central do Brasil (2006) <www.bcb.gov.br>.

² Valores declarados pelas instituições financeiras no site do Banco Central do Brasil <www.bcb.gov.br>.

REFERÊNCIAS

ALI, A.I.; SEIFORD, L.M. **Translation invariance in Data Envelopment Analysis**. Operations Research Letters, 9, p. 403-405, 1990.

ALLEN, R.; ATHANASSOPOULOS, A.; DYSON, R.G. **Weights restrictions and value judgements in Data Envelopment Analysis**: Evolution, development and future directions. Annals of Operations Research, v. 73, J.C. Baltzer AG, Science Publishers. 1997.

BANKER, R. D., CHARNES, A., COOPER W. W., **Some models for estimating technical and scale inefficiencies in Data Envelopment Analysis**. Management Science, vol. 30, nº 9, p. 1078-1092, 1984.

BCB (Banco Central do Brasil). Disponível em <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 06 outubro 2005.

BERGER, A.N.; HUMPHREY, D.B. **Efficiency of financial institutions**: international survey and directions for future research. European Journal of Operational Research, 98, p. 175-212, 1997.

CARVALHO, F.J.C, **Resenha sobre sistema financeiro**. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em: 01 dezembro 2005.

CERETTA, P.S.; NIEDERAUER, C.A.P. **Rentabilidade do setor bancário brasileiro**, 24º Encontro Nacional da ANPAD – Associação Nacional de Programas de Pós Graduação em Administração. Florianópolis, 10-13 set. 2000.

CHARNES, A., COOPER, W. W., RHODES, E. **Measuring the efficiency of decision-making units**. European Journal of Operational Research, vol. 2, p. 429-444, 1978.

COOPER, W.W.; SEIFORD, L.M.; TONE, K.. **Data Envelopment Analysis – A comprehensive text with models, applications, references and DEA-solver software**. Massachussets: Kluwer Academic Publishers, 2000.

DRAKE, L., HALL, M. J. B.; SIMPER, R. **Bank modelling methodologies: A comparative non-parametric analysis of efficiency in the Japanese banking sector**, Discussion Paper ERP04-24, Department of Economics, Loughborough University, 2005.

FIGUEIREDO, D.S. de. **Índice híbrido de eficácia e eficiência para lojas de varejo**. Dissertação (Mestrado). Niterói: Escola de Engenharia/UFF, 2005.

GONÇALVES, D.A. **Avaliação de eficiência de fundos de investimentos financeiros: Utilização de DMU artificiais em modelos DEA com outputs negativos**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2003.

GUEDES, L.E.M. **Uma análise da eficiência na formação de alunos dos cursos de engenharia civil das instituições de ensino superior brasileiras**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2002.

KASSAI, S. **Utilização da Análise por Envoltória de dados (DEA) na análise de demonstrações contábeis**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEA-USP, 2002.

KITTELSEN, S.A.C. **Stepwise DEA: choosing variables for measuring technical efficiency in Norwegian electricity distribution**. Memorandum N° 6/93, Department of Economics, University of Oslo, 1993.

LINS, M. P. E.; MEZA, L.A . **Análise Envoltória de Dados: Perspectivas de integração no ambiente do apoio à decisão**. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000.

LOVELL, C.A.K.; PASTOR, J.T. **Units invariant and translation invariant DEA models**. Operations Research Letters, 18, p. 147-151, 1995

MARQUES, F.T.; MATIAS, A.B.; CAMARGO JUNIOR, A.S. **Desempenho dos bancos comerciais e múltiplos de grande porte no Brasil**, CLADEA, 2004.

NIETO, B. GUTIÉRREZ; CINCA, C. SERRANO; MOLINERO, C. MAR **Microfinance institutions and efficiency**. Discussion Papers in Accounting and Finance, 2004.

NORMAN, M.; STOKER, B. **Data Envelopment Analysis: the assessment of performance**. Chichester: John Wiley, 1991.

PASTOR, J. T. **Translation invariance in data envelopment analysis: a generalization**. Annals of Operations Research, v.73, p. 91-115, 1997.

PEREZ JR., J.H.; BEGALLI, G. A. **Elaboração das demonstrações contábeis**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROLL, Y.; GOLANY, B. **Controlling factor weights in DEA**. IIE Transaction, 23 (1), 1991.

SILVA, A.C.M. da. **Análise da eficiência das instituições financeiras, segundo a metodologia do Data Envelopment Analysis (DEA)**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: COPPEAD/UFRJ, 2000.

STAVÁREK, D. **Efficiency of banks in regions at different stage of European integration process**. *Ekonomie a Management*, vol. 5, no. 1, pp. 34-50, 2005.

YUDISTIRA, D. **The impact of bank capital requirements in Indonesia**, Economics Working Paper Archive at WUSTL, 12, 2002.